

Lua no Charco

Moon in the Swamp

FERNANDA DIAS*

Aos meus amigos Stella Lee, Chen Bo, Derek Tong,
Yao Jingming tão caros ao meu coração.

“A lua cai no charco lamacento
O seu reflexo continua puro”.

Lu Wen Ming (dinastia Qing)

INTRODUÇÃO

Uma ponte aérea de palavras,
mergulhada na névoa profunda do tempo,
sustenta os passos e marca o caminho
das gerações que se sucedem

“A vida do sinal”, Antonino Pagliaro

A poesia existe, é um absoluto, embora digam que os poetas a inventam todos os dias. Pode ser que sim, mas ela lá está como um imenso mar luminoso que nos envolve, desde a aurora dos tempos. Mãe das línguas, ama dos ritos e, sobretudo, eterna confidente dos amantes e dos místicos. Mas nem só, os guerreiros seguiram-na desde sempre, pelo hinos e epopeias, e os deuses dela se alimentam sob a forma de preces.

Quem alguma vez adormeceu um recém-nascido nos braços que não lhe murmurasse alguns ternos versos ao ouvido? Ela consolidou, pois, as línguas e enfeitou-as de palavras para serem entendidas pela via das emoções, mas sobretudo sabemos que tem um antiquíssimo pacto com o coração humano.

* Fernanda Dias reside em Macau desde 1986, onde é professora na Escola Portuguesa de Macau. Orientou Cursos de Gravura na Oficina de Gravura “Bartolomeu dos Santos” e no Instituto Politécnico, em Macau. Expõe regularmente pintura desde 1998. Autora de diversas obras de poesia e de contos.

Fernanda Dias has lived in Macao since 1986, and is a teacher in the Portuguese School of Macao. She directed Engraving Courses in the “Bartolomeu dos Santos” Engraving Workshop and in the Instituto Politécnico, in Macao. Her paintings have been regularly exhibited since 1998, and she is also the author of poetry and short stories.

Não cabe uma longa litania de apreço à poesia nesta breve introdução, que é antes de mais uma justificação.

Como me atrevi, eu, praticante das artes plásticas, a tornar públicas as toscas tentativas de pôr na minha língua os eternos e tantas vezes perfeitos versos chineses?

Tudo começou em Faro, em princípios da década de 80, quando uma senhora que muito amava a poesia me emprestou um manuscrito encadenado em seda bordada, escrito pela sua mão de 1942 a 1945.

Na primeira folha ela escrevera: “A Flauta de Jade”, poemas traduzidos para francês por Tsao Chang Ling, recolhidos por Franz Toussaint. Num francês simples, linear, repetitivo, ali estavam cinquenta poemas traduzidos palavra a palavra. Ignoro se o correspondente de guerra da minha doce amiga, que já não está entre nós, copiou os seus poemas de um livro publicado na época ou os ouviu da boca de um amigo; o que sei é que omitiram os nomes dos poetas.

Mas, para mim, era o início de um encontro memorável. Em Paris comprei um livrinho da coleção “Marabout Université”, *La poésie chinoise, des origines à la révolution*, de Patricia Guillermez (primeira edição 1957). Embora esse livro precioso me tenha revelado quase 200 poetas, com três ou mais poemas cada um, para minha grande surpresa os poemas do caderno manuscrito não estavam lá.

Desde então li tudo o que podia, em todas as línguas que posso ler, na esperança de atribuir um nome de autor aos poemas misteriosos.

Sim, consegui identificar alguns, não todos ainda, mas não desisti. São apenas cinquenta poemas [n.e.: de que a *RC* apresenta uma pequena selecção], uma minúscula gota de orvalho no opulento mar da poesia chinesa.

Mas eu vivo em Macau desde 1986 e todos os amigos chineses que tenho aqui uma vez por outra deixam cair uma ou outra citação que eu recolho como uma jóia preciosa, na esperança de juntar uma peça ao meu *puzzle*. Assim fui traduzindo poemas livremente, com muito amor e sem pretensões de erudição, que não tenho. Que os sinólogos me perdoem o atrevimento!

Alguns poemas, depois de os traduzir, depois de os murmurar para mim mesma, encheram-me os olhos de água. Se um só dos leitores sentir o que estou a dizer, terão valido a pena as horas incontáveis que nestes anos em Macau dediquei a esta paixão.

Macau, 9 de Dezembro de 2002.

INTRODUCTION

An air bridge of words,
down deep in the thick mist of time,
holds the steps and marks the way
of the coming generations

“The life of the sign”, Antonino Pagliaro

Poetry exists, it is an absolute, although it is said that poets invent it every day. It might be so, but it has been there, like an immense bright sea that wraps around us, since the dawn of times. Mother of tongues, nurse of rites, and especially the eternal confidant of lovers and mystics. But not only, warriors have followed it since forever, for hymns and epic poems, and the gods feed on it disguised as prayers.

Who has cradled a newborn baby to sleep without whispering a few tender verses in its ears? It has thus consolidated languages and beautified them with words, so that they could be understood by way of the emotions, but above all we know that it has a time-honoured pact with the human heart.

A long litany of appraisal to poetry is not fit for this introduction, that is above all a justification.

How dare I, a practitioner of plastic arts, make public the coarse attempts to translate into my language the eternal and so often perfect Chinese verses?

It all started in Faro, in the early eighties, when a lady who loved poetry lent me a manuscript, bound in embroidered silk, written in her own hand from 1942 to 1945.

On the first page she had written “The Jade Flute”, poems translated to French by Tsao Chang Ling, collected by Franz Toussaint. In a simple, linear and

recurrent French, there were fifty poems, translated word by word. I do not know if my sweet friend’s war correspondent, who is no longer with us, copied his poems from a book published then, or heard them from the mouth of a friend; all I know is that the poets’ names were omitted.

But for me it was the beginning of a remarkable encounter. In Paris I bought a small book of the “Marabout Université” collection, *La poésie chinoise, des origines à la révolution* by Patricia Guillermaz. (first edition 1957). Although that precious book revealed almost 200 poets to me, with three or more poems each, to my great surprise the poems in the manuscript were not there.

Since then I have read everything I can, in every language I can read, in the hope that I may assign an author’s name to the mysterious poems.

Yes, I was able to identify some, not yet all of them, but I have not given up. There are just fifty poems [e.n.: of which *RC* is publishing a small selection], a tiny dew drop in the opulent sea of Chinese poetry.

I have lived in Macao since 1986, and, once in a while, all the Chinese friends I have here drop one quotation or another, that I collect like precious gems in the hope that I can add another piece to my puzzle. This way I have made free translations of poems, with a lot of love and no pretensions of an erudition I do not possess. May sinologists forgive me for my impertinence!

A few poems, after I translated them, after I whispered them to myself, flooded my eyes with tears. If but one reader feels what I am saying, it will have been worth the countless hours that in all these years in Macao I have devoted to this passion.

Macao, 9th December, 2002.



Langor

Leque aberto, leque aberto,
está o rosto da bela encoberto.

Há já três anos que desfalece,
quem ouve este canto que esmorece?

Canto ignorado, canto ignorado,
ervas de um caminho não mais pisado.

Wang Jian 王建 (768-833)

宮中調笑

團扇，
團扇，
美人病來遮面。
玉顏憔悴三年，
誰復商量管絃？
絃管，
絃管，
春草昭陽路斷。

POESIA

Na noite, ancorado na ponte dos áceres

Lua dormente. Na distância gelada
um corvo estremece, arrepiado.
À beira-rio, uma fogueira de luz escassa
ilumina um ácer.
No templo do Monte-frio,
para além da cidadela,
à meia-noite tange um sino
e acorda-me.
Só, no meu barco.

Zhang Ji 张继 (753-?)



枫桥夜泊

月落乌啼霜满天，
江枫渔火对愁眠；
姑苏城外寒山寺，
夜半钟声到客船。

Neve no rio

Mil montanhas,
nem um só voo de pássaro.
Dez mil atalhos,
nem um só rasto de homem.

Só, um velho num barco
pesca neve
na água cristalina.

Liu Zongyuan 柳宗元 (773-819)

江雪

千山鸟飞绝，
万径人踪灭。
孤舟蓑笠翁，
独钓寒江雪。



O palácio Hua Qing

Cresce a erva nos degraus.
Já não se ouve o carro imperial,
calaram-se os mil ecos dos
tambores.
Lá nos bosques, fundos bosques,
densas nuvens se amontoam.

Surge o palácio, gelado,
quando a lua se revela.
Só ela esconde o rosto na neblina.
Já não há ninguém que se recline
na balaustrada de jade.

Cui Lu 崔橐 (séc. IX)

华清宫

草遮回磴绝鸣鸾，
云树深深碧殿寒。
明月自来还自去，
更无人倚玉栏干



Palavras lentas

Espero, espero, anseio, anseio,
 só completamente só.
 Triste, tão triste,
 este tempo ora ameno ora frio,
 tão duro de suportar!
 Duas ou três taças de vinho leve
 não afrontam as agruras do vento
 no pesado entardecer.
 Os gansos selvagens ferem o meu coração:
 há uma eternidade que os vejos passar.
 Crisântemos murchos juncando o solo,
 quem os quereria apanhar?
 Presa à minha janela
 vivo o dia interminável
 Ao crepúsculo, as folhas do plátano
 filtram ainda a chuva fina.

Pode numa só palavra
 caber tanta melancolia?

Li Qingzhao 李清照 (1084-cerca 1151)

声声慢

寻寻觅觅，	满地黄花堆积，
冷冷清清，	憔悴损，
凄凄惨惨戚戚。	如今有谁堪摘？
乍暖还寒时候，	守著窗儿，
最难将息。	独自怎生得黑！
三杯两盏淡酒，	梧桐更兼细雨，
怎敌他晚来风急！	到黄昏，
雁过也，	点点滴滴。
正伤心，	这次第，
却是旧时相识。	怎一个愁字了得。



Adeus no Outono

O nostálgico grito das cigarras
quase que dói. A chuvada parou.
Junto do pavilhão, onde nos separamos
de coração transido, já nem quero beber.
Às portas da cidade, vamos retardando,
de olhos húmidos, mãos apertadas,
as palavras retidas sob os lábios
entre contidos soluços sincopados.
Em pensamento antevejo a viagem,
a brumosa vastidão das ondas
e ao longe o céu do Sul. Sempre
os que se amam sofrerão a distância...

No frio esplendor da festa outonal
onde estarei quando o calor do vinho
se evaporar?
Na margem, sob os salgueiros,
com uma réstea de lua e a brisa
do alvorecer por companhia?
Deixas-me, por um ano, que farei da beleza
desta paisagem, da luz dos dias?
A quem darei o ardor em que arderei?

Liu Yong 柳永 (?-cerca1053)

雨霖铃

寒蝉凄切，
对长亭晚，
骤雨初歇。
都门帐饮无绪，
留恋处、
兰舟催发。
执手相看泪眼，
竟无语凝噎。
念去去千里烟波，
暮霭沉沉楚天阔。

多情自古伤离别，
更那堪冷落清秋节！
今宵酒醒何处？
杨柳岸、
晓风残月，
此去经年，
应是良辰好景虚设。
便纵有千种风情，
更与何人说？

POESIA

Devaneio na Falésia Vermelha

(Música: “Encanto de uma bela cantora”)

Para leste corre o vasto rio
cujas ondas lavaram o rasto dos heróis
desde a aurora dos tempos.
A oeste da velha fortaleza
dizem que fica a Falésia Vermelha,
conhecida como a do general Zhou,
do tempo dos Três Reinos.
Picos rochosos furam nuvens, injuriando os céus,
vagas fustigam escolhos, levantam espuma como neve,
paisagem pintada por um mestre!

Relembro o jovem Zhou You, brilhante general,
recém-casado, com seu leque de plumas, toucado de seda,
sorrindo, falando para a esposa, a bela Young Qiao
enquanto mastros e remos da frota inimiga
se dissipavam em fumo e chamas...
Olhando o antigo campo de batalha,
escarneço da minha emoção:
os cabelos que cedo embranquecem
a vida, breve como um sonho...
Bebo, mais uma vez, à lua, ao grande rio!

Su Shi 苏轼 (1037-1101)

念奴娇 (赤壁怀古)

大江东去，
浪涛尽、
千古风流人物。
故垒西边，
人道是、
三国周郎赤壁。
乱石崩云，
惊涛裂岸，
卷起千堆雪。
江山如画，
一时多少豪杰！
遥想公瑾当年，
小乔初嫁了，
雄姿英发。
羽扇纶巾
谈笑间，
强虏灰飞烟灭。
故国神遊，
多情应笑我，
早生华发。
人间如梦，
一尊还酹江月。



Delícias da Vila Sui

O mundo das coisas não gera emoções:
júbilo e fúria surgem espontâneos no coração.
Ser promovido ou humilhado não é destino,
tudo acontece por si mesmo de improviso.

Lendo um livro que nada me inspira,
largo o rolo, saio a pé para deambular.

Ah! chuva primaveril cantando
na fímbria do bambual!

Yuan Mei 袁枚 (1716-1798)

随园杂兴

喜怒不缘事
偶然心所生
升沉亦非命
偶然遇所成
读书无所得
放卷起复行
能到竹林下
自有春水声

Improviso

Alheio ao mundo da poeira,
em repouso como em movimento,
vivo como me apraz cada momento.

O meu grou branco acolhe os visitantes
e a leve brisa da Primavera
vira para mim as páginas de um livro.

Yuan Mei 袁枚 (1716-1798)

偶成

安身浮世外
行止自徐徐
白鹭替迎客
春风为卷书

